

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Guilherme Kurtz Krause

O FUTEBOL COMO UM MEIO CONSTRUTOR DE IDENTIDADES

Porto Alegre
2010

Guilherme Kurtz Krause

O FUTEBOL COMO UM MEIO CONSTRUTOR DE IDENTIDADES

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Departamento de Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como parte das exigências do curso de Licenciatura em Educação Física para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.
Orientador: Prof. Dr. Alberto de Oliveira Monteiro

Porto Alegre
2010

Guilherme Kurtz Krause

O FUTEBOL COMO UM MEIO CONSTRUTOR DE IDENTIDADES

Conceito final:

Aprovado em: ____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof..... – Instituição

Orientador – Prof. – Instituição

Agradeço à minha família e ao meu orientador, Prof. Alberto de Oliveira Monteiro.

RESUMO

O futebol constitui-se num veículo para uma série de representações da sociedade brasileira, permitindo a expressão e vivência de problemas nacionais (DAMATTA, 1982). Ele transcende sua qualidade esportiva, criando relações sociais e identidades, bem como representa um forte universo simbólico. O objetivo deste trabalho é identificar os caminhos pelos quais o futebol constrói essas identidades, destacando alguns aspectos que contribuíram para que esse esporte se tornasse elemento cultural do Brasil, tais como: o contexto de desenvolvimento industrial das metrópoles na popularização do futebol; de que maneira o futebol se popularizou e como ele foi usado pelo Estado na construção da identidade brasileira; e a construção de identidades em nível nacional – tendo como tema as Copas do Mundo – e em nível regional, através da relação entre o torcedor e o seu clube do coração.

ABSTRACT

The football is a vehicle for a series of representations of Brazilian society, allowing the expression and experience of national problems. He transcends his sport quality, creating social relations and identities, and represents a strong symbolic universe. The objective of this work is to identify how football builds these identities, highlighting some aspects which contributed to the sport became a cultural element of Brazil, such as: the context of industrial development of metropolis in the popularization of football; how the football has become popular and how was used by the State in a construction of Brazilian identity; and the construction of identities in national level – taking as theme the World Cups – and in regional level, through the relationship between the supporter and your heart club.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. METODOLOGIA	10
2.1 Caracterização da Investigação	10
2.2 Plano de Coleta de Dados	10
2.2.1 Identificação das Fontes	10
2.2.2 Localização das Fontes	10
2.2.3 Compilação	11
2.2.4 Fichamento	11
2.3 Análise e Interpretação	12
2.4 Redação	12
3. REVISÃO DE LITERATURA	13
3.1 O Futebol e o Desenvolvimento das Metrôpoles	13
3.1.1 A Urbanização das Metrôpoles Brasileiras	14
3.2 Brasil, o País do Futebol	16
3.2.1 Futebol, o Ópio do Povo	18
3.2.2 A Popularização do Futebol no Brasil	19
3.2.3 A Democratização Através das Fábricas	21
3.3 O Desenvolvimento do Futebol Brasileiro nos Anos 30	23
3.3.1 A Ideologização do Futebol	24
3.3.2 Participação da Imprensa na Disseminação da Cultura do Futebol.....	26
3.4 O Futebol e a Construção da Identidade Brasileira	28
3.4.1 As Dramatizações do Futebol	29
3.4.2 A Malandragem e a Representação do Futebol Brasileiro	30
3.5 As Copas do Mundo e a Construção da Identidade Nacional	32
3.6 A Paixão Clubística	35
3.6.1 O Torcedor Recriando o Sagrado	36
3.6.2 União através do Conflito	38
4. DISCUSSÃO	39
5. CONCLUSÃO	42
6. REFERÊNCIAS	44

1. INTRODUÇÃO

Desde o final do século XIX, com a organização dos primeiros campeonatos internacionais, os esportes, de modo geral, têm constituído um meio de identificação nacional e de criação de uma comunidade artificial (HOBBSAWM, 1997). Essa ascensão do esporte também deu margem ao surgimento de novas expressões de nacionalismo, combinadas à escolha ou invenção de modalidades tipicamente nacionais, como o futebol inglês e o basquete americano. (ANTUNES, 2004).

Nas sociedades contemporâneas, a importância do esporte, “um modelo global” – segundo Hobsbawm (1996, p.197) – é cada vez maior. Nelas, os espetáculos esportivos têm se revelado lugares propícios à constituição de identidades coletivas sejam elas de grupos ou nacionais, uma vez que permitem a conformação de diferentes arranjos e experiências de integração social (ANTUNES, 2004).

Como fenômeno social total, de natureza e funcionamento simbólicos e perfeitamente integrado na realidade social concreta, o futebol é capaz de todos os investimentos sociais e pode representar simbolicamente a sociedade, tanto no seu funcionamento global, como nas suas vertentes mais diversas. Ligado às nossas origens pelos seus rituais e pelos seus símbolos, nomeadamente pela presença da bola, um dos símbolos mais antigos e mais relacionados com a mitologia, com a religião e com o sagrado, o futebol é um microcosmo da sociedade e um espelho da mesma em todos os seus aspectos (COSTA, 2004).

Um indicativo da importância do esporte – e especialmente o futebol no Brasil – é pura e simplesmente a quantidade de tempo e afeto que as pessoas a ele dedicam (LEVER, 1983). Ele é tema preferido de conversa, seja entre amigos seja entre estranhos em situações fortuitas – sendo uma espécie de língua franca: são pequenas as possibilidades de se encontrar um interlocutor que não saiba falar minimamente sobre ele ou sobre as questões do dia, revelando-se também, por seu intermédio, afinidades e discordâncias (ANTUNES, 2004). Quer seja reconhecida ou não, a camaradagem entre torcedores, sejam estranhos lado a lado no estádio ou amigos reunidos em torno de um aparelho de televisão ou de um rádio, aumenta a alegria proporcionada pelo esporte (LEVER, 1983).

Neste trabalho, destacarei a importância do contexto do desenvolvimento industrial das metrópoles na expansão e popularização do futebol. Farei também alguns apontamentos sobre quais mecanismos da sociedade foram utilizados na popularização do futebol no Brasil – dando ênfase à imprensa esportiva recém fundada e ao trabalho de alguns intelectuais – e sua apropriação ideológica por parte do Estado na construção da nação brasileira. Falarei de como o futebol tornou-se, de acordo com DaMatta (1994), um “instrumento privilegiado de dramatização de muitos aspectos da sociedade brasileira”.

Abordarei, ainda, as Copas do Mundo de futebol como sendo “um dos últimos redutos do nacionalismo no mundo moderno, sendo um dos mais importantes espaços para a produção simultânea das identidades nacionais” (GASTALDO e GUEDES, 2006), permitindo a confrontação de diferentes ideias de nação e nacionalidade num espaço simbólico no qual elas se refugiam.

Uma partida de futebol cumpre um papel importante na formação de uma consciência, entre os torcedores, de um “nós” contra “os outros” (TOLEDO, 1996). Destacarei a perspectiva do torcedor e o seu clube do coração como uma porta de entrada e sucessivo desenvolvimento de uma forma de sociabilidade e de ativa participação na vida social (DAMO, 2002).

O objetivo deste trabalho é identificar os caminhos pelos quais o futebol constrói identidades, a partir dessas reflexões que serão realizadas. Como definição para a noção de construção de identidade, baseia-se no processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados (CASTELLS, 2001).

2. METODOLOGIA

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

Este estudo é caracterizado por ser uma revisão bibliográfica. Tem como meta fazer uma avaliação crítica na literatura existente sobre os valores religiosos ligados ao esporte e, mais especificamente, à modalidade do Futebol, buscando um maior conhecimento sobre esse tema, e justificando a importância do assunto citado (LAKATOS e MARCONI, 1991).

2.2 PLANO DE COLETA DE DADOS

Para realizar a seguinte pesquisa, alguns procedimentos, citados abaixo, foram seguidos:

2.2.1 IDENTIFICAÇÃO DAS FONTES

Através de bibliografias citadas em livros (ou capítulos de livros) referentes à esfera cultural do futebol, em revistas científicas, em teses de doutorado e dissertações de mestrado e através de busca na Internet.

2.2.2 LOCALIZAÇÃO DAS FONTES

A literatura impressa (livros, revistas, artigos, teses e dissertações) foi principalmente pesquisada na biblioteca da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul através da sua ferramenta de busca na Internet e também de visitas para entrar em contato com o material físico, como também por indicações do orientador dessa monografia.

As revistas científicas foram pesquisadas principalmente através da Internet, nos sites das principais revistas nacionais (Movimento, Motus Corporis, Revista Brasileira de Educação Física e Esporte e Revista Brasileira de Ciências do Esporte), onde os seus bancos de dados foram verificados.

2.2.3 COMPILAÇÃO

A compilação trata-se da leitura do material conseguido, a fim de identificar as informações, estabelecer um paralelo das informações que o material diz respeito com as de sua necessidade, analisando sua consistência e veracidade.

A leitura desse material seguiu uma seqüência determinada que é a seguinte: Leitura exploratória, Leitura seletiva, Leitura analítica, e Leitura interpretativa.

2.2.4 FICHAMENTO

É o procedimento que se faz após a leitura do material coletado, confeccionando-as através de fichas de identificação dessas obras consultadas, do registro do conteúdo das obras, do registro do comentário, colocando na ordem os registros e classificando as fichas.

2.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

Foi realizada a crítica do material bibliográfico consultado, e considerado um juízo de valor sobre o determinado material científico.

2.4 REDAÇÃO

Esta etapa significa o final da pesquisa, na qual foi redigido dentro das normas da ABNT, exigidas, para a o trabalho de conclusão do curso, pela Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 O FUTEBOL E O DESENVOLVIMENTO DAS METRÓPOLES

A rápida expansão das grandes cidades, em virtude da Revolução Científico-Tecnológica desencadeada ao redor de 1870, deu origem às metrópoles e megalópoles contemporâneas (SEVCENKO, 1994). Esse fenômeno foi decorrente das migrações em massa provocadas pelo alcance global das novas tecnologias, que na sua fome por novas fontes de matérias-primas e mercados abrangeu todos os territórios do mundo numa feroz e cúpida corrida imperialista. Populações imensas foram deslocadas de seu hábitat e postas a vagar pelo mundo ao sabor do mercado internacional de mão-de-obra, formando uma avalanche humana em direção às grandes cidades tomadas por um prodigioso surto industrial.

Trazido ao Brasil por trabalhadores e funcionários de empresas inglesas, o futebol difundiu-se por dois caminhos: o primeiro foi o dos trabalhadores das estradas de ferro, que deram origem aos times das várzeas; o segundo foi através dos clubes ingleses que introduziram o esporte dentre os grupos de elite (SEVCENKO, 1994).

Um dos aspectos mais prodigiosos da história do futebol, desde as suas origens, tem sido a rapidez extraordinária da expansão de sua popularidade dentre as massas populares, especialmente no contexto das cidades industriais (SEVCENKO, 1994). O autor afirma que na Inglaterra, as grandes cidades industriais se dividiam, na década de 1880, em duas imensas comunidades rivais, quando os times que as representavam se viam frente a frente nos limites do gramado e dos noventa minutos. Nas palavras de Sevcenko (1994, p. 6), sobre os duelos:

“(...) era uma comoção, um redemoinho, um cataclisma de nervos arrebatados e corações explodidos, não raro com algumas cabeças quebradas e olhos arroxeados. Era assim quando se enfrentavam, por exemplo, o Manchester United e o Manchester City; o Nottingham Forest e o Nottingham County; o Glasgow Celtics e o Glasgow Rangers; ou em

Londres, qualquer partida em que se confrontassem os arquirrivais Arsenal, Chelsea e Crystal Palace”.

Giulianotti (2003), discorrendo acerca da rivalidade do futebol escocês, destaca as diferenças político-culturais dos dois principais times de Glasgow, Celtic e Rangers – conhecidos conjuntamente como Old Firm. Segundo o autor, o Celtic foi fundado em 1888 para dar assistência aos católicos pobres, refletindo um forte foco do orgulho Irlandês-Católico e de algumas formas de nacionalismo irlandês. Já o Rangers – fundado em 1873 – desenvolveu uma forte cultura protestante, sindicalista e anticatólica – apenas em 1989 que o clube acabou com a sua tradicional proibição de recrutar jogadores católicos. A intensa rivalidade entre os dois clubes causou a mais antiga competição do mundo, onde desde 1900 as torcidas de subculturas oponentes se enfrentam em violentos conflitos, afirma Giulianotti.

Lever (1984) destaca que o cenário do futebol está armado para realizar o seu papel de dividir e integrar: o torcedor do Celtic pode sentir o seu catolicismo mais intensamente quando está se defrontando com os torcedores protestantes adversários do Rangers, mas estes estão literalmente no mesmo campo. Para serem rivais, os participantes devem reconhecer sua adesão ao mesmo sistema; para sua união, basta que seus atletas-ídolos se reúnam numa seleção nacional para representar a Escócia.

3.1.1 A URBANIZAÇÃO DAS METRÓPOLES BRASILEIRAS

Ao analisarmos a introdução do futebol e o seu desenvolvimento em desporto popular no Brasil, encontramos a ele vinculado os processos de urbanização e industrialização ocorridos em nossa sociedade no início do século XX. As grandes cidades do país, em destaque São Paulo e Rio de Janeiro, encabeçaram esse “processo civilizador” no Brasil, fato que, quando analisado na perspectiva da teorização de Elias sobre os desportos, nos ajuda a compreender a evolução e a

importância dada por essas duas cidades aos esportes e as questões a eles relacionadas, como eugenia, saúde e educação física (MIRANDA, 2007).

No Brasil, o ponto de partida da rivalidade entre Corinthians e Palmeiras dá-se em virtude da atração de estrangeiros atraídos à metrópole paulistana pelo acelerado processo de industrialização desencadeado a partir da virada do século (DAMO, 2002). O Corinthians se firma desde o princípio como o time do proletariado e do subproletariado urbano (inclusive uma grande maioria de negros); o Palestra Itália – atual Palmeiras –, time da maior torcida, concentra os torcedores da colônia italiana, fornecedora de mão-de-obra especializada e semi-especializada. Desde esta época, uma rivalidade muito grande é criada entre estas duas torcidas, construída entre uma oposição entre o elemento local, nativo, e o elemento estrangeiro em ascensão que disputam entre si um mercado de trabalho ainda reduzido (CÉSAR, 1982).

No Rio de Janeiro, o processo de urbanização e de desenvolvimento industrial ajudou o futebol a se popularizar através da fábrica de tecidos Companhia Progresso Industrial do Brasil (ANTUNES, 1994). A autora afirma que o The Bangu Athletic Club foi fundado em 1904 pelos seus funcionários ingleses – técnicos e mestres especialmente contratados na Inglaterra – para se divertirem nas horas de folga, com a devida autorização dos diretores da tecelagem. Contudo, os ingleses do Bangu não conseguiram formar duas equipes completas para jogarem entre si. A solução foi recorrer aos operários da tecelagem, que certamente estavam com muita vontade de arriscar alguns chutes. Assim, os trabalhadores tiveram acesso a um jogo até então exclusivo da colônia inglesa e das camadas sociais mais favorecidas.

A partir do surgimento do Bangu, o número de clubes de fábrica que foram sendo criados não parou de crescer, sendo difícil apontar a indústria que não tivesse ao menos um pequeno núcleo constituído – formando-se uma tradição de futebol amador praticado em clubes de fábrica criados por intermédio dos próprios trabalhadores, mas com o apoio das empresas, cuja colaboração material e financeira foi fundamental para a continuidade desta iniciativa (ANTUNES, 1994).

Sevcenko (1994), afirma que a expansão das cidades e a multiplicação acelerada da classe trabalhadora fazem surgir metrópoles onde as pessoas não possuíam raízes ou tradições, todas vinham de diferentes partes do território nacional

ou do mundo. Segundo o autor, na busca de novos traços de identidade e de solidariedade coletiva, de novas bases emocionais de coesão que substituíssem as comunidades e laços de parentesco que cada um deixou ao emigrar, essas pessoas se vêm atraídas, dragadas para a paixão futebolística que irmana estranhos, os faz comungarem ideais, objetivos e sonhos, consolida gigantescas famílias vestindo as mesmas cores.

Toledo (2006), relaciona a crescente urbanização, durante as primeiras décadas do século XX, de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, com o futebol, afirmando que “o esporte, por alguns dos elementos que contém e o caracterizam, ou seja, reflexo e agilidade, coletividade, dinâmica, o espírito coletivo, a participação – não somente daqueles que, de fato, praticam, mas também assistem – expressou simbólica e materialmente o espírito do progresso dos centros urbanos”.

3.2 BRASÍL, O PAÍS DO FUTEBOL

‘Brasil, o país do futebol’ é um epíteto repetido diversas vezes na mídia e ‘vendido’ ao exterior como uma das imagens que melhor retratam o nosso país, contendo uma expressiva força simbólica que contribui para a construção da nossa sociedade – fazendo-nos sentir membros de uma nação singular, diferente das demais, mais bonita e alegre (HELAL, 2001). A problemática que aqui trago é de levantar alguns pontos relevantes sobre como o futebol tornou-se o ‘esporte nacional’ brasileiro, visto que diversas outras nações, segundo Helal (2001, P.150), mobilizam-se por intermédio de algum esporte:

“(…) nos Estados Unidos... presenciamos a difusão de três modalidades esportivas: o basquete, o futebol americano e o beisebol. A televisão e os jornais americanos dedicam um espaço enorme aos eventos esportivos; a final do futebol americano movimenta uma soma fantástica de dinheiro e ocupa um tempo considerável do cotidiano dos americanos; Hollywood é rica em filmes e referências aos esportes populares do país. Mas nem por isso escutamos os americanos referirem-se a si mesmos como o “país do beisebol, do basquete ou do futebol americano”.

Lever (1983), corrobora afirmando que a estrutura esportiva americana é uma excentricidade antropológica, visto que numerosos esportes merecem a atenção nacional, sem que nenhum deles predomine ao longo do ano; que os clubes esportivos são grandes empreendimentos comerciais, possuídos por indivíduos e cada vez mais por grandes conglomerados, visando ao lucro; e ainda, que a transmissão pela televisão ao vivo dos esportes de equipe é ampla, os direitos de cobertura pagando boa parte das despesas dos clubes esportivos.

No Brasil, o futebol, como um domínio associado à competição e ao uso desinibido do corpo, transformou-se no esporte mais popular do país (DAMATTA, 1994). O autor acredita que o futebol, sendo jogado em equipe, permite retomar no nível simbólico a ideia de uma coletividade exclusiva, como a de uma família – coletividade com a qual se tem relações insubstituíveis de simpatia, ‘sangue’ e amor.

Outro elemento que DaMatta (1982) acredita poder explicar a irresistível adoção do futebol pelo povo brasileiro é a característica mais marcante do esporte: ele é jogado com os pés e não com as mãos, como ocorre no futebol americano, o que engendra imprecisão tática, exige grande qualidade técnica dos jogadores e faz com que o jogo decorra num ritmo de inúmeras improbabilidades, mesmo quando um time muito superior joga contra um time indiscutivelmente inferior. Complementa DaMatta que, em virtude dessa incerteza do jogo, insinuam-se ideias de sorte, destino, predestinação e vitória, ligando o futebol com religião e transcendência, no caso brasileiro; essa situação dificilmente ocorrerá em modalidades esportivas como o voleibol, a natação e o atletismo.

Antunes (2004), apresenta o contexto da disseminação do futebol nas camadas menos favorecidas da sociedade brasileira como inevitável pelas próprias características do jogo, que, de fácil assimilação, pode ser praticado de improviso, com qualquer número de jogadores, mesmo com desnível de idades; pode ser jogado ao ar livre e com qualquer tempo, com bola de meia, de papel ou de borracha. Por essas razões, como afirma Hobsbawm (1996, p.197), o futebol “abriu caminho no mundo inteiramente por seus próprios méritos”.

Simbolicamente, o futebol contaminou o imaginário urbano, recriando comportamentos, inaugurando linguagens e gírias que, como se sabe, vieram a

transcender os limites das praças esportivas, enriquecendo uma linguagem popular e urbana, aproximando segmentos sociais até então separados por uma segregação espacial e étnica (TOLEDO, 1996).

3.2.1 FUTEBOL, O ÓPIO DO POVO

O futebol como 'ópio do povo', no sentido de desviar a atenção do povo brasileiro de questões realmente importantes da vida social, foi difundido por alguns militantes de esquerda – com algum sucesso na época da campanha da seleção brasileira de futebol em busca do tricampeonato mundial no México, em 1970 (DAMATTA, 1982). DaMatta afirma que durante a ditadura militar – período de repressão e censura – algumas facções políticas consideravam que uma vitória brasileira seria utilizada pelos militares para divulgar o sistema político vigente, ocultando da grande massa os reais problemas existentes no país. O autor considera que, de alguma medida, este fato pode ter acontecido, mas que olhar para este ponto de vista contribui para a compreensão do futebol como desvinculado e em oposição à sociedade. Segundo Daolio (2003), por trás disso está uma concepção do futebol e do esporte sendo uma atividade menos séria, de menor valor, que teria o único objetivo de enganar ou distrair a população dos problemas realmente sérios, atribuições da classe dominante.

Guedes (2006), compactua com as asserções de DaMatta, afirmando que suspender o tempo – no caso o tempo da Copa do Mundo – não significa suspender a história e, muito menos, deixar de debater no campo esportivo, através de metáforas ou explicitamente, as questões que atravessam a vida cotidiana. Dá como exemplo a Copa do Mundo de 1998, realizada na França, aonde as questões incorporadas pela discussão desta copa são as que dominam o debate sócio-político do final do século.

3.2.2 A POPULARIZAÇÃO DO FUTEBOL NO BRASIL

É inegável a influência que o futebol teve na vida nacional a partir do início do século XX. No início, apesar de caracterizar-se como um esporte de elite, a partir de meados da década de 1920 ele se popularizou de tal forma que atinge hoje, direta ou indiretamente, toda a população brasileira (DAOLIO, 2003).

Várias são as explicações atribuídas à popularização do futebol brasileiro. As mais rasas e simplistas referem-se a dois aspectos particulares: a primeira seria o alto contingente negro na população nacional e a facilidade desta raça numa modalidade esportiva que tem nos pés seu principal instrumento de ação. Assim, seria própria dos negros uma disponibilidade corporal que os levaria a praticar atividades físicas rítmicas de forma mais coordenada (DAOLIO, 2003). De um lado o futebol, que se destaca dos demais esportes por ser praticado com os pés; de outro, a cultura popular, permeada de metáforas e alegorias que exaltam o baixo ventre e, a partir dele, promovem a inversão topográfica do corpo e dos simbolismos a ele associados (DAMO, 2002). Contudo, não se deve tomar a proeminência dos pés para explicar a popularidade do futebol no Brasil. DaMatta (1982) explica que dadas as peculiaridades estruturais do futebol, ele tenderia a ser aceito com maior facilidade em sociedades menos democráticas, como a nossa, onde fatores como destino, sorte e azar são constantemente evocados para explicar os sucessos e infortúnios pessoais; de outro lado, em sociedades de democracia estável, como nos Estados Unidos, a preferência recairia sobre esportes jogados com as mãos, à medida que esses pressupõem um grau acentuado de previsibilidade, racionalidade e eficiência. O autor afirma que este tipo de tese seria um absurdo, pois, se estivesse correta, a popularidade do futebol serviria como parâmetro para avaliar o grau de democratização em diferentes países.

A segunda linha de explicação versa na facilidade da prática do futebol, quer em termos de regras quer em termos de espaço e equipamentos. Sua prática pode se dar em qualquer lugar – campo, quadra, praia, terreno baldio, rua – e a bola, o único material obrigatório, pode ser representada por uma bola de meia, de plástico, uma lata ou uma tampinha (DAOLIO, 2003). Damo (2002), apresenta um contraponto em relação

às simplicidades das regras do futebol, afirmando que esta ótica deve ser invertida, pois fazendo o futebol parte do processo de socialização dos brasileiros, particularmente dos meninos, as suas regras se apresentam simples e até mesmo óbvias por conta deste contanto diário com o esporte.

Não entrando no mérito destas duas teorias citadas, parece ter havido uma combinação entre o contexto cultural brasileiro e o código do futebol, que demandaria um estilo de jogo, uma exigência técnica, uma eficiência e eficácia que se adequaram às características culturais do povo brasileiro (DAOLIO, 2002). Diversos autores apresentam justificativas para a popularidade do futebol no Brasil: DaMatta et al. (1982), diz que o futebol permite expressar uma série de problemas nacionais, alternando percepção e elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos; Byington (1982, pg. 21) explica que “(...)um fenômeno só faz vibrar a alma individual e cultural de um povo na medida em que contém os símbolos que expressam e nutrem a vida psíquica deste povo”; Vogel (1982), também tentando responder à questão, afirma que existe uma relação entre o espetáculo do jogo de futebol e determinados comportamentos rituais da sociedade brasileira.

DaMatta (1994) apresenta uma visão interessante acerca do significado social do antigo esporte bretão na sociedade brasileira, afirmando que ele entrava em conflito com os valores tradicionais vigentes. Segundo o autor, a sociedade brasileira – habituada a jogar e não a competir -, construída de favores, hierarquias, clientes, e ainda repleta de ranço escravocrata, reagia ambigualmente ao futebol – esse estranho jogo que, dando ênfase ao desempenho, democraticamente produzia ganhadores e perdedores sem subtrair de nenhum disputante o nome, a honra ou a vergonha. Foi preciso que essa sociedade vincada por valores tradicionais aprendesse a separar as regras dos homens e da própria partida para que o futebol pudesse ser abertamente apreciado entre nós. Indo ao encontro desta ideia, Daolio (2003) refere-se à busca de igualdade no futebol como um dos pontos a se considerar na relação entre o esporte e as características do povo brasileiro. O autor afirma que, mesmo reconhecendo que existem diferenças econômicas entre as equipes de futebol e que estas diferenças levam a resultados até certo ponto previsíveis nos confrontos, o futebol em si é um

exercício de igualdade, ou seja, os dois times têm as mesmas condições durante uma partida. O autor diz que esta condição de igualdade que a massa torcedora aprecia no futebol não pode ser expressa em outros campos da vida, como no trabalho, na cidade ou no lazer. DaMatta (1994) ainda afirma que o futebol foi o primeiro professor de democracia e igualdade, pois não foi através do Parlamento que o povo aprendeu a respeitar as leis, mas assistindo a jogos de futebol – esses eventos onde o vitorioso não tem o direito de ser um ditador, e o perdedor não deve ser humilhado.

Aquino (2002), colabora com uma argumentação calcada na ideia de que o futebol, na Inglaterra do século XIX, foi utilizado por famílias abastadas como uma prática usual e educativa. Diz o autor que a Europa Ocidental era o núcleo dos “modelos copiados” e adotados na música, na pintura, na escultura, na arquitetura, nas instituições políticas, nas idéias dominantes e nos costumes das elites – não sendo diferente com o futebol, onde jovens brasileiros que estudaram na Europa entraram em contato com este esporte e o trouxeram para o Brasil.

3.2.3 A DEMOCRATIZAÇÃO ATRAVÉS DAS FÁBRICAS

O futebol brasileiro nasce e se desenvolve entre a elite; os colégios grã-finos, tanto do Rio de Janeiro quanto de São Paulo, passariam, a partir da primeira década do século XX, a adotar o futebol como forma de recreação para seus alunos. Dos primeiros clubes de futebol do país, dois merecem destaque pelas oposições no quadro social: Fluminense e Bangu. Enquanto o primeiro era formado pela elite carioca, o segundo, apesar de fundado por altos funcionários ingleses da Cia. Progresso Industrial do Brasil, sempre teve tendências proletárias (CALDAS, 1994). Localizada na periferia distante, num bairro proletário, a Cia. Progresso estimulava a prática do futebol entre seus executivos como forma de lazer – prática essa que chegou até os operários justamente pelo número de executivos ser insuficiente para a realização de uma partida.

Caldas (1994) afirma que a localização geográfica da fábrica no subúrbio foi essencial para a democratização do futebol, visto que de nenhum outro jeito operários e

operários ingleses vestiriam a camisa do mesmo time. Rosenfeld (1973), aponta outro ponto importante na democratização do futebol no Bangu – o primeiro time de futebol no Brasil não inteiramente elitizado: a própria produção industrial da empresa. Segundo o autor, o lazer através do futebol seria o estimulante para o aumento da produção da empresa. Os ingleses viram-se obrigados a recorrer aos operários da fábrica, estimulados pela direção esclarecida, que provavelmente soubera que os fabricantes de tecidos ingleses na Rússia fomentavam o futebol entre os turnos para animar sua disposição para o trabalho. Em pouco tempo, a esquadra banguense já estava formada exclusivamente de operários; o time passaria a representar prestígio para a fábrica, o que obrigaria o bom senso de seus diretores a dar ainda mais atenção ao futebol.

Inúmeros clubes surgiram de partidas de futebol improvisadas na rua ou no pátio das fábricas, durante o intervalo do almoço. Como muita gente queria participar, os clubes começavam a ser formados no interior de casa seção de uma mesma indústria. Com o crescimento do número de times, mais partidas iam sendo realizadas, aumentando o tempo de jogo. O gosto pelo futebol crescia e com ele a vontade de melhorar as condições de sua prática, de jogar como os ingleses, com equipes completas, uniformes, uma bola de couro, um campo, um lugar para se reunirem e guardar o material esportivo, enfim, vontade de organizar um ‘clube de futebol’ (ANTUNES, 1994). A boa relação entre empregados e direção foi muito importante nessa fase onde os times começaram a se tornar clubes de futebol, constituídos de uma organização capaz de desenvolver e levar o esporte para todos os cantos do país.

Com a profissionalização em 1933, o futebol iria finalmente se constituir num espaço onde os setores mais baixos da população podiam almejar um emprego que não necessitasse de longos períodos de aperfeiçoamento pessoal, anos de educação formal, funcionando, assim, em alguma medida, como uma possibilidade de ascensão socioeconômica (HELAL E GORDON, 2002).

3.3 O DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL BRASILEIRO NOS ANOS 30

Os anos 30 marcaram o fim da República Velha e o início do Estado Novo, liderado pelo presidente Getúlio Vargas. Este período caracterizou-se por forte centralização política, grande preocupação com o desenvolvimento nacional com a idéia de integração e com o fortalecimento da presença do estado no papel de promotor tanto do desenvolvimento econômico quanto da integração nacional (HELAL, 2001). Era o Estado forte, com hipertrofia dos poderes presidenciais, cada vez mais presentes na vida da sociedade brasileira (AQUINO, 2002).

A adoção do profissionalismo do futebol ocorreu concomitantemente com um trabalho de difusão e de criação de um espaço naturalizado para o esporte no Brasil – movimento esse executado por certos agentes do universo esportivo e político, tendo como estratégia promover uma associação simbólica do futebol com contextos mais totalizantes da realidade social brasileira: o estado-nação e o povo (HELAL, 2001).

A prática esportiva e a sua disciplinarização não poderiam ser tratadas isoladamente, pois outros elementos apresentam-se como as questões do corpo e da educação; por outro lado, não poderia se perder de vista que o Estado Novo faz parte do processo da chamada 'Revolução de 30', na qual novas camadas assumem o poder e passam a reestruturar o Estado, com novas preocupações e interesses. Portanto, nesse período, a educação passou a ser vista de forma diferente, tornando-se um espaço estratégico na consolidação do novo Estado, com a presença desses novos personagens (NEGREIROS, 2003). Nessa construção, o futebol adquiriu uma grande importância.

Pensar o futebol, principalmente a partir dos anos 1920, com as multidões ocupando cada espaço desse esporte, possibilita compreender as relações que foram se estabelecendo entre as classes populares e as elites econômicas, culturais e políticas. Quando estas mesmas elites detinham o futebol enquanto um espaço exclusivo, reservavam a esse esporte elogios e tarefas que permitiriam, entre outros

pontos, a redenção da nação, em função da construção de uma elite dirigente capaz e de um povo forte (NEGREIROS, 2003).

“Ao mesmo tempo em que o futebol foi perdendo seu caráter branco e elitista, veio o seu desprestígio social. A essas elites só restou desdenhá-lo como uma manifestação da irracionalidade, do atraso, da desordem, da violência, da ausência de caráter educativo” (NEGREIROS, p.124, 2003). Saudosistas de um futebol aristocrático, elitista e exclusivo de brancos continuavam levantando diversos argumentos para combater a profissionalização do futebol, formulando até uma tese de que jogador viver de um dinheiro pago por um clube era uma situação semelhante à de um homem sustentado por uma mulher, ou seja, este homem não passaria de um gigolô (AQUINO, 2002).

Não havia como fazer o futebol desaparecer; portanto, era preciso discipliná-lo, era preciso uma ordenação que viesse de cima e a partir da intervenção do poder público. A desordem precisava ser substituída pela ordem das elites, cabendo ao futebol, apesar das múltiplas restrições que lhe eram feitas, contribuir para que a construção da nação brasileira se concretizasse (NEGREIROS, 2003).

De acordo com Miranda (p.2, 2007), nessa época, “(...) o futebol ainda não era tido como um esporte popular no país, o ‘esporte-rei’ brasileiro. Essa condição foi construída historicamente através de um lento e conflituoso processo. Nessa luta entre os diferentes campos de poder, o futebol por vezes avançou, e por outras retrocedeu no vivido social, até se tornar um elemento ritualístico na sociedade brasileira e vital de ser analisado para melhor compreendê-la”.

3.3.1 A IDEOLOGIZAÇÃO DO FUTEBOL

O futebol é compreendido como fator social total da sociedade onde se encontra; é aquele no qual vemos em funcionamento traços ou vestígios das instâncias fundamentais da sociedade, sendo elas as seguintes: familiar, educativa, política, econômica, religiosa e recreativa (MAUSS, 2003). É um espaço privilegiado para

práticas ritualísticas públicas e diárias nas sociedades contemporâneas, por ter em seu interior um microcosmo (autônomo da sociedade), temporalidades próprias, espaços definidos (oficiais ou não), tensões e regras específicas criadoras de uma moralidade, uma ética própria (HUIZINGA, 2005). Enquanto drama torna-se uma das expressões da identidade nacional dessas sociedades, seus problemas, percepções, elaborações intelectuais e emocionais e seus sentimentos concretamente sentidos e vividos (DAMATTA, 1982).

Rinaldi (p.168, 2000) destaca uma forte vinculação do futebol com uma ideologia a ser imposta pelas forças governamentais como forma de representar as suas aspirações culturais e sociais:

“(...) apesar dessa riqueza simbólica que se estabelece no e através do futebol, este já é visto, no começo do século XX, não apenas como uma forma de manifestação cultural que está inserido dentro do imaginário coletivo. Observa-se que, através da imprensa e com a popularização e a massificação, o futebol passa a representar, já nos anos 30, um veículo de propaganda no sentido de afirmar a ideologia e o pensamento político da classe dominante representada pelo governo institucional”.

Rinaldi (p.169, 2000) também define a concepção de ideologia através da conceituação de Thompson (1995, p. 16), que diz que “a análise da ideologia pode ser vista como uma parte integrante de um interesse mais geral ligado às características da ação e da interação, às formas de poder e de dominação, à natureza da estrutura social, à reprodução e à mudança social, às qualidades das formas simbólicas e a seus papéis na vida social”.

Thompson (1995, p. 17), conceitua que “(...) as formas simbólicas, ou sistemas simbólicos, não são ideológicos em si mesmo: se eles são, e quanto são ideológicos depende das maneiras como ele são utilizados e entendidos em contextos sociais específicos”.

A seguir, destacarei a atuação de setores da imprensa e de intelectuais que colaboraram para que o futebol se constituísse num espetáculo de massa e num elemento da cultura popular.

3.3.2 PARTICIPAÇÃO DA IMPRENSA NA DISSEMINAÇÃO DA CULTURA DO FUTEBOL

O aumento da popularidade do futebol, a partir da década de 1910, dá-se devido a muitos fatores, entre eles: o processo de metropolização de algumas cidades, que fez do futebol um esporte especial, pois cumpria o papel de adaptar a população urbana ao ritmo industrial que se impunha; o aparecimento e a expansão da radiofusão, que permitiu ao futebol chegar a mais pessoas e a lugares mais distantes; além das transformações na imprensa esportiva escrita, que aproximou ainda mais os torcedores do futebol (NEGREIROS, 1997). De acordo com Gellner (1983), meios de comunicação de massa, uma linguagem compartilhada e um sistema educacional tornaram-se instrumentos culturais vitais para disseminar sentimentos de nacionalidade.

No campo intelectual, na década de 1930, desenvolveram-se novos conceitos sobre o Brasil. No mesmo ano em que se instaurava o profissionalismo no futebol, Gilberto Freyre lançava *Casa Grande & Senzala*, obra que teria grande influência na forma de representar, para si e para o mundo, a sociedade brasileira (HELAL, 2001). A obra de Freyre inaugura a “democracia racial”: nesta leitura, a miscigenação racial seria o resultado de uma norma harmônica, não conflituosa nas relações entre as raças formadoras do complexo populacional brasileiro; antes de Freyre, a miscigenação era tida pelo discurso científico como o principal problema do atraso brasileiro (HELAL, 2001). Em sua obra, Freyre esforçou-se para explicar a formação da família patriarcal brasileira do ponto de vista do relativismo cultural, considerando como fundamental a distinção entre raça e cultura – separando as questões de ordem genética daquelas de ordem social e cultural, contrapondo-se, desta forma, ao discurso eugênico (ANTUNES, 2004). O perfil desta nova teoria sociológica se coadunava com a temática do nacionalismo do período Vargas, que possuía, como conceitos básicos, dois elementos: a mistura e a integração (HELAL, 2001).

Os donos do poder – a oligarquia cafeeira e os novos setores elitistas provenientes do espaço urbano, como a burguesia industrial – durante a segunda fase do governo getulista, o Estado Novo (1937-1945), procuraram legitimar a constituição

de um estado autoritário e fazer vingar a construção da Nação brasileira, uma, indivisível e moderna apoiando-se em princípios elitistas, conservadores, nacionalistas e autoritários (MIRANDA, 2007). Miranda (p.3, 2007) afirma que “o elitismo contribuiu para desacreditar a sabedoria popular e as teorias de um governo pela maioria; o conservadorismo não foi uma defesa intransigente do status quo, mas uma concepção de mundo onde a ordem, a hierarquia e a tradição tinham papel preponderante; e o nacionalismo e o autoritarismo completavam o papel de formação do Estado Nacional, com base nos ideais de justiça, ‘democracia social’ e uma ‘razão de Estado’.”

Já no campo jornalístico, Mario Filho foi o responsável pelo surgimento do jornalismo esportivo como gênero no Brasil, fomentando o surgimento de um público de massa para o futebol através de sua atuação em vários jornais importantes do Rio de Janeiro (O Globo, O Mundo Esportivo, Jornal dos Sports) (HELAL, 2001). Mario Filho deixou de fora, em seus textos, todo e qualquer formalismo de expressão, inaugurando um ‘novo idioma’ que representava a linguagem até então somente falada nas ruas e nas arquibancadas dos estádios de futebol – linguagem essa que, pouco a pouco, foi se integrando ao gosto e a cultura popular (ANTUNES, 2004). Conforme relata a autora, Mario Filho transformou a notícia em fato esportivo, acrescentando-lhe dramatismo, aproximando o torcedor do jogador e da vida do clube e favorecendo, assim, os processos de identificação. A autora destaca que o trabalho deste jornalista influenciou todo um setor da vida intelectual brasileira, transformando o futebol num esporte intimamente próximo às expectativas do povo.

Na área literatura, Mario Filho escreve *O negro no futebol brasileiro*, procurando consolidar a ideia de que existe um ‘estilo’ próprio de jogar futebol no Brasil e que esse estilo expressaria determinados traços do caráter ou do espírito brasileiro – sobretudo a noção de harmonia, de um ajuste bem feito entre elementos europeus e africanos, brancos e negros (HELAL, 2001). O futebol brasileiro, tal qual a sociedade brasileira, passou a ser visto como resultado positivo da mistura racial; esta característica seria o principal vetor da integração e elemento novo, capaz de fazer o país ‘dar certo’ (ANTUNES, 2004).

O futebol torna-se, ao longo das décadas de 1930 e 1950, uma metáfora poderosa: mecanismo de integração e democratização racial, expressão de um ‘estilo’

representado como um produto da mistura de raças (definidor de uma identidade) e microcosmo da sociedade e da nação (HELAL, 2001).

3.4 O FUTEBOL E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE BRASILEIRA

As interpretações do Brasil e dos brasileiros, produções concorrentes da identidade nacional, são numerosas e utilizam várias temáticas, buscando uma síntese totalizadora como contraponto à diversidade empírica, elegendo um objeto de reflexão que encontra na categoria povo brasileiro, por exemplo, um terreno privilegiado de exercícios de previsão otimistas ou pessimistas sobre o futuro do país (GUEDES, 1998).

O futebol, como o carnaval e os rituais religiosos, além de outras práticas típicas do Brasil, pode ser visto como um veículo para uma série de dramatizações da sociedade brasileira – sendo ele apenas um modo, entre outros existentes, da sociedade brasileira apresentar-se, deixando-se, assim, descobrir (DAMATTA et. al., 1982). Compactuando com essa afirmação, Guedes (1998) diz que a difusão e divulgação de algumas destas interpretações ocorrem por diversos canais, sendo utilizadas como aval para a emissão de uma série de juízos sobre os brasileiros que, não importando se são internamente contraditórios, servem como argumentos inexpugnáveis, em seu dogmatismo, para explicar fatos da vida cotidiana e da vida política-administrativa do país. Afirma ainda que diversos setores da sociedade constroem e alimentam estas interpretações, em um contínuo movimento de troca.

O futebol, como a maioria dos esportes, é excelente terreno para a construção e confrontação de juízos sobre a nação, justamente porque se constitui em “domínio menor” da sociedade, apresentando enorme abertura às mais diversas apropriações ideológicas (GUEDES, 1977). Guedes (1998), afirma que qualquer esporte é potencialmente capaz de acionar a dimensão de brasilidade das identidades sociais, mas que isso se faz em “ondas”, ao sabor dos êxitos obtidos; o fracasso de outros esportes é ignorado, circunscrevendo-se aos limites do terreno esportivo. Apenas o

futebol, no Brasil, produz essa identificação coletiva nas vitórias e nas derrotas – especificamente desde a derrota do selecionado nacional na Copa do Mundo de 50.

3.4.1 AS DRAMATIZAÇÕES DO FUTEBOL

DaMatta (1982), afirma que o futebol faz parte da cultura brasileira e dramatiza os dilemas da sociedade, promovendo a coesão nacional na medida em que permite a expressão e o reconhecimento de quem somos e do que somos em detrimento dos outros – especificamente os ingleses, e, por conseguinte, os europeus. Nele, podemos atualizar e vivenciar emoções associadas à vida cotidiana: uma derrota de goleada do nosso time desencadeia um sentimento de humilhação; o momento do gol pode ser associado ao gozo, ao sentimento de prazer; marcar um gol aos 46 minutos do segundo tempo nos faz acreditar em Deus e reavivar nosso sentimento religioso; sentimos ódio de um juiz, quando atribuímos a ele a derrota de nosso time (DAOLIO, 2003). Byington (1982, p.21) afirma que o futebol é “o nosso maior exercício psicológico simbólico de desenvolvimento”. De um outro modo, o futebol expressaria as diversidades regionais, as hierarquias socioeconômicas e as diferenças étnicas, em se tratando de ‘estilos de futebol’ (DAMO, 2002).

O futebol é um formidável código de integração social, segundo DaMatta (1994), pois permite que uma coletividade altamente dividida internamente afirme-se como uma coletividade capaz de atuar de modo coordenado, corporadamente e de eventualmente vencer. O autor explica que essa experiência com uma organização coletiva com a qual podemos nos identificar abertamente e que opera para nosso deleite e benefício é muito rara no cotidiano brasileiro – um universo onde as instituições públicas estão desmoralizadas por práticas sociais clientelísticas e personalistas, difundidas por todos os partidos políticos.

Byington (1982), aponta uma segunda dimensão integrativa do futebol, que é a sua capacidade de proporcionar ao povo, sobretudo aos pobres e destituídos, a experiência da vitória e do êxito – essa vitória que o mundo hierarquizado e capitalista

faz com que poucos possam experimentar. O autor afirma que essas pessoas, no estádio torcendo por seu clube do coração, sentem o seu desempenho como torcida em algo palpável, produzindo vitórias completas.

O futebol proporciona à sociedade brasileira a experiência de igualdade e justiça social, pois simboliza que o mais capaz, o que possui mais mérito pode efetivamente vencer. E o mais importante de tudo: que as regras valem para todos; para todos os times campeões e para os times comuns; para negros e brancos; para ricos e pobres. Nesse sentido, explica o autor, o futebol nos dá uma grande lição de democracia, pois as leis do jogo são universais e transparentes, devendo ser seguidas por todos; as regras não podem ser mudadas por quem está perdendo, nem por quem está ganhando – conduzindo a uma alternância entre vitoriosos e perdedores que, projetada na vida social, é a base da mais autêntica experiência democrática (DAMATTA, 1994).

3.4.2 A MALANDRAGEM E A REPRESENTAÇÃO DO FUTEBOL BRASILEIRO

O futebol adquiriu a importância que tem para os brasileiros por refletir alguns elementos culturais tidos a partir de uma construção simbólica como caracterizadores de um estilo de vida compreendido como sinônimo de brasilidade (MAGNO e BARBOSA, 2007), produzindo experiências coletivas que propiciam a vivência de uma “comunidade moral de brasileiros” (GUEDES, 1998).

Os estilos de jogo e as formas de organização do futebol como atividade esportiva e espetáculo retratam padrões culturais de cada sociedade (LEVER, 1983). O estilo brasileiro de jogar é entendido por muitos como um meio através do qual certo estilo de vida, baseado no jeitinho e na malandragem, manifesta e pode ser celebrado como estratégia de sobrevivência social. Tais características manifestam-se pela dramatização de um individualismo à brasileira, que consiste em uma visão de indivíduo baseada na capacidade de resolver problemas por meio de uma boa conversa, de jogo de cintura e não por regras universais e impessoais (MAGNO e BARBOSA). As orientações de conduta do malandro da rua e do ‘jogador de futebol malandro’ guardam

suas especificidades de ação em cada tempo e em cada espaço determinado, que são mutuamente influenciáveis (SOARES, 1994). O político sagaz e o jogador de futebol malandro sabem que a regra de 'ouro' no Brasil está em transformar as situações adversas em sorte; a arma para sobrevivência destes atores está na 'arte da malandragem' (DAMATTA, 1982).

A tensão do jogo criaria um espaço favorável para que surjam atitudes classificadas como 'malandras', assim como a tensão de uma sociedade de classes favorece o aparecimento do comportamento dissimulado do malandro. O pressuposto que apoiaria a malandragem, tanto no futebol quanto na rua, estaria firmando nas relações em que as regras podem se tornar um 'jogo', fazendo com que os indivíduos tenham tensão e incerteza quanto à estabilidade de sua posição; a fuga mecânica é sobreviver tentando reverter as situações adversas em sorte, a qualquer custo. No Brasil, esta conduta de lutar dissimuladamente pela sobrevivência diária – um tipo de resistência – tomou o nome de malandragem (SOARES, 1994).

Muitas imagens que revestem o tipo ideal do malandro estão vinculadas e cristalizadas ao futebol brasileiro. O estilo de vida estético divulgado pelo malandro que busca prazer, mulheres, 'vida fácil', transgride equilibradamente a ordem e possui uma grande habilidade em manipular com argumentos, pode estender-se para o estilo do 'futebol malandro', o 'futebol arte', que prima pela improvisação e pela habilidade do jogador (SOARES, 1994). O estilo brasileiro é tido como aquele que enfatiza a importância de exibir-se para o público, buscando valorizar o espetáculo. A improvisação é o ponto culminante, e ela se faz presente em um drible ou em uma jogada imprevisível, que constitui a essência do futebol arte (DAMATTA, 1982). A ideia popular é que o malandro constrói sua fama pela habilidade que possui em reverter as situações adversas; este talento é desenvolvido naturalmente, na improvisada vida da rua, da mesma forma que o 'jogador malandro' desenvolve suas habilidades para o futebol (SOARES, 1994).

Nesse sentido, segundo DaMatta (1982, p.27) "(...) o futebol é mais uma fonte de individualização e de expressão individual do que um instrumento de coletivização em nível pessoal ou das massas, ou seja, por seu intermédio o povo brasileiro pode se sentir individualizado e personalizado nas jogadas dos grandes craques".

3.5 AS COPAS DO MUNDO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL

As Copas do Mundo talvez sejam um dos últimos redutos do nacionalismo no mundo moderno e, por esta via, talvez sejam um dos mais importantes espaços para a produção simultânea das identidades nacionais (GASTALDO E GUEDES, 2006). Talvez sejam um dos poucos espaços externos à atuação política em que o patriotismo permanece tendo sentido, dando forma e vida a comunidades morais que não existem de outra forma (ANDERSON, 1991). Num mundo em que as idéias de nação e nacionalidade confrontam-se, cada vez mais, com outros princípios operativos, a recriação de um 'nós' nacional torna-se muito mais dependente de tempos-espaços mais ou menos ritualizados e, paradoxalmente, específicos (GUEDES, 1998). Como definição de nação, ela tem como núcleo a ênfase na construção de um nível de realidade em que são tecidos fios de solidariedade moral entre as pessoas que nela se incluem (GUEDES, 1998).

A vinculação entre esporte e identidade nacional não é exatamente um fenômeno recente, tendo origem no final do século XIX – basta pensarmos nos Jogos Olímpicos e na separação dos atletas em equipes nacionais que 'competem' no quadro de medalhas –, e alcança o apogeu ao longo do século XX (GASTALDO E GUEDES, 2006). Os autores afirmam que os meios de comunicação em massa potencializaram o caráter simbólico e ritual das Copas do Mundo, onde equipes representam nações e as elevam a uma escala planetária – reunindo mais de um bilhão de pessoas em todo o mundo em torno de um retângulo gramado em que atletas uniformizados perseguem uma bola. Nos jogos internacionais, o time incorpora a nação moderna, com frequência envolvendo-se literalmente com a bandeira nacional e iniciando os jogos com uma canção comum, o hino nacional. O poder tecnológico dos meios de comunicação garante que todos os cantos da nação possam compartilhar da ação (e, assim, participar), assistindo à televisão ou ouvindo rádio (GIULIANOTTI, 2002).

Acontecimentos especiais concretos, transmitidos para todo o mundo, ampliam o reino de nossa experiência comum – o que vemos nos torna semelhantes, e o que vemos pode transmitir os prazeres e não apenas os pesares da vida. Estas

competições internacionais acentuam o nacionalismo, ao mesmo tempo em que unem as pessoas numa cultura popular global de ídolos e equipes, onde as personalidades esportivas são mais amplamente conhecidas que os líderes políticos ou intelectuais. Brasileiros que viajam pelo exterior são interrogados a respeito de Pelé por pessoas que não saberiam ao menos onde encontrar o Brasil no mapa (LEVER, 1984).

Falando-se do Brasil, a seleção nacional constrói sua história num domínio social próprio, à parte de questões consideradas como mais relevantes na vida social, como econômicas e políticas, por exemplo (GUEDES, 2006). A autora afirma que este domínio social é concebido como produzindo uma história própria que pouca ou nenhuma relação tem com os eventos mais gerais e decisivos; isto é particularmente evidenciado nas Copas do Mundo de Futebol, que, no caso brasileiro, são vividas como que num tempo suspenso, acionando intensamente a memória das participações do selecionado brasileiro nas versões anteriores da competição, obscurecendo a memória sobre outros aspectos da vida social. Ainda, Guedes afirma que as Copas do Mundo se constituem, para os brasileiros, em verdadeiros rituais nacionais, ocasiões em que se celebra a brasilidade, construção simbólica da unidade nacional, suspendendo-se, de certo modo, as diferenças e desigualdades que permeiam a estrutura social.

A identidade do brasileiro com o futebol é de tal maneira expressiva que a memória coletiva brasileira, no século XX, é demarcada e compartilhada, mais do que por qualquer outra coisa, pelas Copas do Mundo de Futebol (WISNIK, 2008). Os britânicos dividem o século XX em blocos demarcados pelas guerras mundiais de 1914 – 1918 e 1939 – 1945. Em contrapartida, o Brasil mede sua história recente pelas Copas do Mundo, já que é durante as Copas que mais se identifica como nação (BELLOS, 2003). Turner (1974), afirma que de quatro em quatro anos, o país vive uma espécie de ‘communitas existencial ou espontânea’, ou seja, uma comunhão fugaz por onde o Brasil reifica-se na seleção nacional de futebol, propiciando a celebração da unidade contida no nome.

Lever (1984, p. 41) apresenta um caso ocorrido na Copa do Mundo de 1978, realizada na Argentina, que exemplifica o poder que este evento tem ao mobilizar toda uma nação dividida politicamente:

“(…) em 1973, os esquerdistas peronistas resolveram realizar a Copa do Mundo, a fim de cotejar a popularidade. Quando a junta

militar de extrema direita assumiu o poder, em 1976, declarou que a Copa do Mundo seria realizada conforme planejado – uma decisão que também visava atrair o apoio popular. Jornalistas europeus e de outros lugares protestaram, por causa do turbilhão político da Argentina... os protestos aumentaram depois que o militar que dirigia o comitê nacional de organização foi assassinado. Mas os protestos praticamente acabaram quando os guerrilheiros urbanos da Argentina, os Montoneros, divulgaram um manifesto em que afirmavam que não prejudicariam a realização da Copa do Mundo, já que também eram *hombres y mujeres del pueblo*. Os socialistas de esquerda, os militares de direita e até mesmo os guerrilheiros urbanos podem aceitar uma trégua em nome do esporte.”

Lever (1984) afirma que o esporte tem desempenhado um papel crucial no desenvolvimento do nacionalismo cultural em muitos países – assim como a arte, a literatura, o folclore e a música característicos, que proporcionam uma imagem nacional que ajuda a integrar os diversos segmentos. A autora afirma que o esporte contribui para a integração nacional ao dar às pessoas de diferentes classes sociais, etnias, raças e religiões alguma coisa para partilhar e usar como base para a solidariedade ritual.

3.6 A PAIXÃO CLUBÍSTICA

A sociedade brasileira está impregnada de futebol, e o maior exemplo disso pode ser visto no nascimento de uma criança – homem, de preferência -, quando ela recebe um nome, uma religião e um time de futebol – time esse que ela vai aprender a gostar, compartilhando com ele momentos de glória e sofrendo com ele períodos ruins, sem jamais pensar em substituí-lo por outro (DAOLIO, 2003).

Quem gosta de futebol não apenas aprecia sua prática ou fruição, senão que o faz a partir de um referencial: o clube do coração. Trata-se de uma ‘máscara’ que resulta, como sugere o poeta Drummond, ‘da necessidade de optar’ (DAMO, 2002):

A estética do torcedor é inconsciente: ele ama o belo através de movimentos conjugados, astuciosos e viris, que lhe produzem uma sublime euforia, mas se lhe perguntam o que sente, exprimirá antes uma emoção política. Somos Fluminenses ou Vascos pela necessidade de optar, como somos liberais, socialistas ou reacionários.

Apenas, se não é rara a mudança do indivíduo de um para outro partido, nunca se viu, que eu saiba, torcedor de um clube abandoná-lo em favor de outro.

Carlos Drummond de Andrade

A definição de nação proposta por Weber (1974, p.202), enquanto ‘comunidade de sentimento’, é muito útil para pensar o universo futebolístico: “(...) podemos arrancar de certos grupos de homens um sentimento específico de solidariedade frente a outros grupos. O conceito pertence a esfera de valores; não há acordo sobre como esses grupos devem ser delimitados ou sobre que ação deve resultar desta solidariedade”.

A partir deste conceito, identificamos algumas premissas básicas que podem ser remetidas ao contexto do futebol: a ideia de solidariedade grupal em torno de um sentimento específico (pertencimento clubístico); a incerteza em relação às ações decorrentes desta solidariedade (violência física ou simbólica); a segmentação e a fluidez grupal (torcidas organizadas/outros torcedores); e as disputas em torno de valores (DAMO, 2002).

Segundo Souza (1996), as torcidas possuem características de micro-nações. São limitadas, pois também existem outras, além das ‘fronteiras clubísticas’, de bairros, de cidades, de Estados. Isso significa que as torcidas de futebol, onde quer que

apareçam, serão sempre relacionadas com a identidade do torcedor derivando da definição em relação a um outro. As torcidas são, também, imaginadas. Um torcedor não se encontra, ouve ou interage com todos os outros membros da torcida da qual faz parte, nem com os integrantes da equipe de sua preferência, mas imagina-os como pertencendo a uma mesma coletividade; as torcidas são comunidades, pois são concebidas como profunda camaradagem, apesar das diferenças existentes dentro delas.

O porquê da rivalidade entre times de futebol encontra resposta na própria dinâmica dos esportes coletivos, um complexo de polaridades interdependentes criadas no padrão do jogo (ELIAS e DUNNING, 1992). Como a existência de dois grupos antagonistas é condição necessária à realização de uma partida de futebol, a dinâmica dos torcedores segue a mesma lógica; isto não significa que a ação dos torcedores seja uma simples reação, uma consequência daquilo que se passa dentro de campo, mas como grupos ad hoc, identificados com a disputa, com suas ações tendo como horizonte mais próximo o desenrolar do jogo e o comportamento dos torcedores adversários (DAMO, 2002).

O culto a uma equipe esportiva, como o culto a um animal, faz com que todos os participantes se tornem altamente conscientes de pertencerem a um coletivo. Ao aceitarem que uma equipe em particular os represente simbolicamente, as pessoas desfrutam de um parentesco ritual, baseado nesse vínculo comum (LEVER, 1983).

3.6.1 O TORCEDOR RECRIANDO O SAGRADO

Alguns autores da sociologia do esporte discutem criticamente sobre o fim do elemento lúdico dos esportes modernos e sobre sua profanação e racionalização, utilizando-se de argumentos segundo os quais a transformação do esporte em “espetáculo” foi responsável pelo declínio do seu elemento lúdico (HELAL, 2001). Ainda segundo Helal, autores afirmam que a erosão deste elemento teria sido acompanhada

e causada pelo advento da comercialização do esporte, transformando em um negócio e, conseqüentemente, em um evento profano.

A idéia de que nos espetáculos esportivos os espectadores são agentes passivos foi refutada por estudiosos como Christopher Lash e Sodré. Lash (1983,139) sugere que “a cerimônia requer testemunhas: espectadores entusiásticos, conhecedores das regras do desempenho e de seu sentido subjacente. Longe de destruir o valor dos esportes, a assistência dos espectadores torna-os completos”. Sodré (1977:141) assegura, nessa mesma linha, que “no espetáculo futebolístico, o torcedor é espectador e ator ao mesmo tempo. Espectador, porque não participa fisicamente do que se passa em campo. Ator, porque a torcida faz parte necessária do show”.

Já a ideia de que a erosão do elemento lúdico foi acompanhada pelo advento da comercialização sofre críticas de Dunning e Sheard, que não acreditam que os esportes pudessem ter mantido a sua popularidade se o elemento lúdico inerente a eles tivesse sido atrofiado, ou se eles tivessem se transformado em uma atividade profana. “Na verdade, o que parece estar ocorrendo é justamente o contrário (...) a centralidade cultural do esporte tem crescido de tal forma que hoje ele parece ser um fenômeno social de proporções quase que religiosas” (DUNNING e SHEARD, 1979, p.14).

3.6.2 UNIÃO ATRAVÉS DO CONFLITO

Grupos sociais distintos convivem em uma grande metrópole compartilhando espaços e atividades comuns. Esta convivência, muitas vezes inevitável na formação de uma cidade, nem sempre é pacífica – ocasiona, com frequência, dificuldades de integração oriundas de conflitos gerados pela diversidade étnica, regional e cultural (HELAL, 2001).

Ser espectador de esporte é um mecanismo que desenvolve a consciência de união das pessoas. Paradoxalmente, o esporte contribui para a união ao enfatizar o conflito entre as partes. O esporte é o reflexo cultural perfeito de nossa existência múltipla: torna-se a área para interesses conflitantes, ao mesmo tempo em que cultiva uma perspectiva partilhada como base para a ordem. (LEVER, 1983). Antunes (p.16, 2004) relata seu sentimento quando assistiu aos primeiros jogos do seu time: “... a experiência de união, de compartilhar o amor por uma mesma camisa, pelas mesmas cores, de respeitar uma mesma tradição de glórias passadas e presentes permitia que cada um de nós se reconhecesse na multidão de são-paulinos”.

Segundo Rapoport (1960), a característica que distingue os jogos de outras formas de conflitos é o fato do ponto de partida não ser absolutamente a discórdia, mas antes a concordância dos oponentes em se empenharem por um objetivo incompatível – apenas um oponente pode vencer – dentro das restrições das regras aceitas. O conflito não é o meio de resolver a divergência, mas antes o fim em si mesmo.

DISCUSSÃO

Magno e Barbosa (p.173, 2007) relatam a miscigenação racial como fator preponderante na construção do 'jeito' de jogar do futebol brasileiro:

“(...) o futebol consolidou-se como um dos meios mais importantes de promoção da auto-imagem e de integração social do povo brasileiro, pois permitiu a superação do caráter elitista inicial de sua prática nas primeiras décadas do século XX, quando jogadores negros e mestiços se inseriram no esporte – fato que possibilitou a comunicação de elementos culturais, como o jeitinho e a malandragem, percebidos e celebrados no estilo de jogo criativo praticado pelos grandes jogadores brasileiros”.

Helal e Gordon (2002), reiteram a construção da identidade do futebol brasileiro como um processo contínuo desenvolvido através da apropriação sociocultural do esporte pela sociedade brasileira, adquirindo abrangência mundial em face dos feitos obtidos pelo selecionado brasileiro através dos tempos:

“(...) o antigo 'esporte bretão' passou por um verdadeiro processo de incorporação cultural até se constituir no que os brasileiros chamam de 'a paixão nacional', como se com isso quisessem afirmar que o futebol é quase uma propriedade nossa, que fomos talhados para o futebol, que não só o nosso futebol é o melhor do mundo, como o país é o lugar do mundo onde mais se ama e se entende o futebol. Tudo isso está bem sintetizado no epíteto 'Brasil, país do futebol', já solidificado não só no imaginário nacional, mas também fora do país, principalmente em decorrência da supremacia brasileira em Copas do Mundo, após as quatro conquistas” (HELAL e GORDON, p.37, 2002).

No entanto, próximo do final do século XX, particularmente a partir de fins da década de 70, se começa a falar de uma 'crise' no futebol brasileiro. Essa crise manifesta-se, por exemplo, na queda progressiva do número de espectadores das partidas de futebol, no aumento da violência nos estádios (principalmente entre as chamadas 'torcidas organizadas'), na evasão de jogadores para o exterior e no crescente endividamento financeiro dos clubes (HELAL, 2001). Quais seriam as reais

dimensões dessa crise do futebol brasileiro? O descrédito em relação às instituições que controlam o futebol, cujo resultado reflete-se no distanciamento dos torcedores? O Brasil deixou de ter o melhor futebol do mundo? Essas questões apresentam-se no campo da especulação, pois fazem parte de um processo ainda em curso.

Helal e Gordon (p.45, 2002), afirmam que do ponto de vista da estrutura organizacional, “o germe da crise que estava para emergir era aparente, a partir de 1970, na falta de autonomia dos clubes, na política de alianças entre as federações e as pequenas ligas e num calendário incapaz de acomodar dois campeonatos longos: os regionais e o Brasileiro”. Debates esportivos envolvendo jornalistas, dirigentes e técnicos de futebol foram realizados pela imprensa. Os títulos destes artigos são reveladores: a) ‘Os torcedores, desencantados, abandonam o estádio’; b) ‘Jogos ruins, vaias, esta é a rotina’; c) ‘Em busca do lucro, como uma empresa’; d) ‘Uma reforma estrutural: a única solução’; e) ‘Politicagem: aqui está o principal problema do futebol, segundo especialistas’. Analisando-os, “é possível perceber uma tensão entre dois discursos, ou duas éticas distintas: uma ‘tradicional’, baseada em troca de favores, relações interpessoais e amadorismo na administração, e uma outra ‘moderna’, reivindicando profissionalização dos dirigentes, leis impessoais e uma visão empresarial” (HELAL e GORDON, p.46, 2002).

Helal e Gordon (2002), citam vários aspectos que sobrepostos formavam um complexo problema a ser enfrentado pelos dirigentes esportivos:

“De ordem econômica: fracasso financeiro dos clubes, campeonatos deficitários, empobrecimento da população – tudo isso relacionado, de modo geral, ao fim do período do ‘milagre’ econômico, ao adensamento da recessão no final dos anos 70, à inflação, enfim, ao que os economistas passaram a denominar de ‘a década perdida da economia brasileira’. De ordem social: aumento da violência e da insegurança nos estádios. De ordem político-administrativa: a interferência do Estado, através de uma legislação esportiva que não dava autonomia aos clubes e federações; os interesses pessoais e políticos dos diretores das federações, da CBF e de alguns clubes; o paradoxo de haver

dirigentes amadores administrando uma atividade cada vez mais profissional e comercial. De ordem técnica: a falta de grandes craques das décadas passadas (como Pelé, Garrincha, etc.), associada ao êxodo dos melhores jogadores em atividade para o exterior, tendo em vista o empobrecimento dos clubes. Tudo isso se refletia no progressivo afastamento dos torcedores dos estádios” (HELAL e GORDON, p.47, 2002).

Helal e Gordon (2002), creditam a Zico uma atuação importante na Secretaria Nacional dos Esportes – órgão criado pelo Presidente da República com status de Ministério. Ele elaborou um projeto de lei que transformava a legislação esportiva, “concedendo autonomia para clubes e federações, como também permitindo a profissionalização dos dirigentes, extinguindo a Lei do Passe e reduzindo cada vez mais a presença do Estado, a fim de facilitar a transformação dos clubes em empresas com finalidades lucrativas, tornando o futebol uma questão de mercado (HELAL e GORDON, p.48, 2002).

Helal (2001), conclui que todas essas questões formam um painel complexo, onde a crise é mais uma representação social do que um fenômeno passível de uma delimitação concreta.

CONCLUSÃO

Embora o futebol seja uma atividade moderna, um espetáculo pago, produzido e realizado por profissionais da indústria cultural, dentro dos mais extremados objetivos capitalistas ou burgueses, ele, não obstante, também orchestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares (DAMATTA, 1994). Além de possuir um papel integralizador – que simultaneamente e paradoxalmente estimula os sentimentos primordiais (alegria, euforia, tristeza, dor) e promove os sentimentos civis – o futebol, através das suas variadas manifestações coletivas, expressa algumas questões importantes para compreendermos um pouco mais de nós mesmos. A expressão exaltada de sentimentos na presença e na companhia de muitos outros é uma oportunidade singular para os indivíduos, pois, de um modo geral, as pessoas vivem mais isoladas e têm poucas oportunidades para manifestações coletivas de sentimentos intensos (HELAL, 2001).

O futebol, herdeiro dos antigos jogos com bola, apresenta-se como um fenômeno profundamente místico; nele, encontramos todos os elementos que constituem um sistema místico completo e coerente. Os cenários grandiosos onde o espetáculo se desenrola, onde os torcedores vivenciam o sublime, o maravilhoso, o sagrado – emoções que nos fazem sair do ordinário da vida para nos situarmos no universo místico e religioso; os artistas da bola, apresentados pela imprensa esportiva como verdadeiros ídolos, como atualizações dos heróis místicos, transformando um homem comum num verdadeiro super-homem; a dramatização, o futebol representando um drama que, no fundo, é a tradução das lutas dos heróis místicos e a expressão da luta dramática que todo homem é chamado a travar para conseguir a vitória final; e a linguagem futebolística, uma linguagem poética destinada a favorecer o sonho e as emoções (COSTA, 2004). Valendo-se de sua natureza mística, o futebol pode servir como ponto de partida para uma profunda hermenêutica esportiva que pode nos levar a uma maior compreensão da sociedade e da identidade de um povo.

Os jogadores são, em campo, a imagem do seu povo, e o povo sente-se representado pelos seus ídolos. A dimensão cultural do futebol advém da sua capacidade de pôr as pessoas em relação umas com as outras, de instaurar momentos de sociabilidade e de convívio, levando as multidões a encontrarem-se no estádio e a experimentarem mesmo a transgressão da vida ordinária. É principalmente enquanto lugar de convivência e enquanto manifestação dos estilos de vida de um povo que o futebol se reveste de uma profunda dimensão cultural (COSTA, 2004).

REFERÊNCIAS

1. ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities: reflections on the origin and spread of nationalism**. London, New York: Verso, 1991.
2. ANTUNES, Fátima Martin R. F. “**O futebol nas fábricas**”. In: USP, n.22, 1994. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/22/11-fatima.pdf>>. Acesso em 15 jul. 2010.
3. ANTUNES, Fátima Martin R. F. “**Com brasileiro, não há quem possa!**”: **futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues**. – São Paulo: Editora UNESP, 2004.
4. AQUINO, Rubim S. L. – **Futebol, uma paixão nacional** / Aquino.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
5. BELLOS, A. **Futebol: o Brasil em campo** ; tradução, Jorge Viveiros de Castro – Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2003.
6. BYINGTON, C. “**A riqueza simbólica do futebol**”, *Psicologia Atual*, 5, 25, pp. 20-32, 1982.
7. CALDAS, Waldenyr. **Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro**. In: Revista USP, n.22, 1994. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/22/06-waldenyr.pdf>>. Acesso em 15 jul. 2010.
8. CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. pág. 22.
9. CÉSAR, Benedito. **Os Gaviões da Fiel e a Águia do Capitalismo**. Dissertação de Mestrado. Campinas, IFCH/UNICAMP/Antropologia Social, 1982.
10. COSTA, António S. Abordagem sócio-antropológica do futebol em Portugal, país de futebol. In: **Futebol de muitas cores e sabores – Reflexões em torno do desporto mais popular do mundo**, 1ª Edição, Universidade do Porto, 2004.
11. DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
12. DAMATTA, Roberto (Org.); FLORES, Luiz Felipe B. Neves; GUEDES, Simoni Lahud; VOGEL, Arno. **Universo do Futebol. Esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
13. DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** 7. ed. Rio de Janeiro: Rocco,

- 1994.
14. DAMATTA, Roberto. “**Antropologia do Óbvio**”. In: Revista USP, n.22, 1994. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/22/02-damatta.pdf>>. Acesso em 15 jul. 2010.
 15. DAMO, Arlei S. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
 16. DAOLIO, Jocimar. Cultura: **Educação Física e Futebol**. 2ª edição – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
 17. DUNNING, Eric & SHEARD, Kenneth – **Barbarians, Gentlemen and Players: A Sociological Study of the Development of Rugby Football**. New York, New York University Press, 1979.
 18. DUVIGNAUD, J. **El juego del juego**. México: Fundo de Cultura Econômica, 1982.
 19. GASTALDO, E. L. e GUEDES, S. L. **Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional**. Niterói : Intertexto, 2006.
 20. GASTALDO, E. L. A Pátria na “imprensa de chuteiras”: futebol, mídia e identidades brasileiras. In: **Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional**. Niterói: Intertexto, 2006.
 21. GELLNER, E. **Nations and Nationalism**, Oxford: Blackwell, 1983.
 22. GIULIANOTTI, R. Globalização Cultural nas Fronteiras: o caso do futebol escocês. In: **História: Questões e Debates**, Curitiba, n. 39, pg. 41-64, 2003. Editora UFPR. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/viewArticle/2724>>. Acesso em 02 out. 2010
 23. GUEDES, S. L. **O futebol brasileiro: instituição zero**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977.
 24. GUEDES, S. L. **O Brasil no campo do futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**. - Niterói : EDUFF, 1998.
 25. GUEDES, S. L. Os “europeus” do futebol brasileiro ou como a “pátria de chuteiras” enfrenta a ameaça do mercado. In: **Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional**. Niterói : Intertexto, 2006.

26. HELAL, Ronaldo. A pátria de chuteiras e a identidade nacional. In: **Imaginário e Representações Sociais em Educação Física, Esporte e Lazer** – Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2001.
27. HELAL, Ronaldo E GORDON, César. **A crise do futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI**. ECO-PÓS v. 5, nº 1, pp. 37-55, 2002. Disponível em: <<http://www.pos.eco.ufrj.br/ojs-2.2.2/index.php/revista/article/viewFile/153/140>>. Acesso em: 08 nov. 2010.
28. HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos**. O breve século XX. 1914-1991. 2ª Edição, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
29. HOBBSAWM, Eric. **A invenção das tradições**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
30. HUIZINGA, Johan. Homo Ludens. **O jogo como elemento da cultura**. 5º ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
31. LAKATOS, E. M. ; MARCONI, M. de. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo, Atlas, 1991.
32. LASCH, Christopher. **A Cultura do Narcisismo**. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1983.
33. LEVER, Janet. **A Loucura do Futebol** – Editora Record, 1983.
34. MAGNO, Attila e BARBOSA, Silva. O futebol e a sociedade global: uma reavaliação da identidade sociocultural brasileira. **Revista de Ciências Sociais: Sociedade e Cultura**, julho-dezembro, vol. 10, número 002, p. 173-186 – Universidade Federal de Goiás, 2007. Disponível em: < <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/703/70310204.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2010.
35. MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2003.
36. MIRANDA, Melina Nóbrega. Futebol e o projeto de unidade nacional do Estado Novo (1937-1945). **X Simpósio Internacional – Processo Civilizador**. Campinas, SP – Brasil, 2007. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais10/Artigos_PDF/Melina_N_Miranda.pdf>. Acesso em: 20 set. 2010.
37. NEGREIROS, Plínio. Futebol e identidade nacional. In: **ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA**, 1997. Ijuí: Ed. da UNIJUI, 1997.

38. NEGREIROS, Plínio. **Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional**. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 39, p. 121-151, Editora UFPR, 2003.
39. PEREIRA, Afonso de Miranda. **Footballmania, uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.
40. RAPOPORT, A. **Fights, Games and Debates** (Ann Arbor: University of Michigan Press, 1960).
41. RINALDI, Wilson. **Futebol: Manifestação Cultural e Ideologização**. Revista da Educação Física/UEM Maringá, v. 11, n. 1, p. 167-172, 2000. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/viewFile/3804/2618.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2010.
42. SEVCENKO, Nicolau. **“Futebol, Metrôpoles e Desatinos”**. São Paulo. Revista da USP – Dossiê Futebol, nº 22. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/22/04-nicolau.pdfpdf>>. Acesso em: 20 out. 2010.
43. SOARES, A. J. G. **Futebol, Malandragem e Identidade**. Vitória, SPDC/UFES, 1994.
44. SODRÉ, Muniz. **O Monopólio da Fala**. Petrópolis, Vozes, 1977.
45. SOUTO, Sérgio Monteiro. **Jogo duro: tradição x mercado – Os colunistas esportivos e a construção da identidade nacional da seleção brasileira**. X **Simpósio de Pesquisa em Comunicação da Região Sudeste** – Rio de Janeiro, 7 e 8 de dezembro de 2004.
46. SOUZA, Marcos. **A ‘Nação em Chuteiras’: Raça e Masculinidade no Futebol Brasileiro**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social: Brasília/UnB, 1996.
47. THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.
48. TOLEDO, Luiz. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados, 1996.
49. TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.
50. TURNER, Victor. **Floresta de símbolos: aspectos do ritual ndembu**. Niterói:

EdUFF, 2005.

51. VOGEL, A. O momento feliz – reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, R. (Org.) **Universo do Futebol. Esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
52. WEBER, Max. A Nação. In: GERTH, H. H. & MILLS W. (org.), **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.
53. WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo : Companhia das Letras, 2008.